

AMIZADE E RESISTÊNCIA: O LUGAR DO FEMININO NAS EXPERIMENTAÇÕES SARTRIANAS

Deise Quintiliano Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O direcionamento filosófico dos estudos da amizade é historicamente recente. Na introdução da coletânea dedicada a essa matéria, intitulada *Friendship. A philosophical reader* (Kapur Badhwar, 1993, p. IX), seu organizador, Neera Kapur Badhwar, ressalta o crescimento do interesse por essa problemática, sobretudo a partir dos anos 70.

No texto *Amizade e estética da existência em Foucault*, Francisco Ortega (1999, p. 12) define a amizade como:

Um convite, um apelo à experimentação de novas formas de vida e de comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade que são poucas e simplificadas.

A desqualificação da amizade como objeto de análise, segundo Ortega (1999, p. 155), pode advir do fato de essa problemática ser julgada, de modo equivocado, um assunto privado, em oposição ao que se consideram fenômenos mais “sólidos” de descrição da sociedade, como domínio, família, instituição, etc.

Algumas constantes remetem, então, a um certo cânone nos estudos da amizade – a adesão às idéias de família, de fraternidade, de igualdade, de simetria, o espaço androcêntrico da política, a confraria. Observamos nesse movimento um tipo de amizade institucionalizada, horizontalizada, sem nenhum espaço para a experimentação ou para a criação de novas rotas de

reflexão. Trata-se do modelo da *philia-amicitia*, próprio da Antiguidade, no qual sobressai todo um sistema de coações, hierarquias, tarefas e obrigações.

Nos últimos anos apareceram várias tentativas de se repensar a amizade, sobretudo através dos esforços analíticos empreendidos por Foucault, Bataille, Blanchot, Arendt e Derrida. Como bem lembra Ortega (1999, p. 27 e p. 157), falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização. É oferecer uma alternativa às tradicionais e desgastadas formas de relacionamento como a família e o matrimônio.

Em *Politiques de l'amitié* (Derrida, 1994, p. 312), Derrida demonstra como os grandes discursos ético-político-filosóficos sobre a amizade operaram uma “dupla exclusão” do feminino – exclusão da amizade entre mulheres e da amizade entre um homem e uma mulher. Aos homens caberiam os espaços públicos e políticos, ao passo que às mulheres estariam destinados os espaços domésticos e privados. No que diz respeito a essa exclusão, dos gregos a Nietzsche, passando por Hegel e Michelet, vemos essa tradição ser mantida.

A dupla exclusão do feminino é, porém, revertida radicalmente nos escritos sartrianos. Apenas com as mulheres o escritor revela-se capaz de exercitar novas formas de sociabilidade, renovando as estereotipadas relações sociais: “Só sinto prazer na companhia de mulheres, só tenho estima, ternura, amizade pelas mulheres. Eu não daria um passo para ver Faulkener, mas faria uma longa viagem para conhecer Rosamond Lehmann” (Sartre, CDG, p. 523).

Nos dramas, nos romances, nas cartas, nas confidências, uma multidão feminina atravessa a vida para integrar o universo de escritos sartrianos. A condição para que também os homens possam postular uma participação efetiva nas relações de amizade do escritor é que possuam características do “feminino”: “Não concebo, particularmente, a ternura nas minhas relações com os homens. Por isso, só tive amizade pelo que chamarei homens-mulheres, uma espécie raríssima

dentre outras [...] por mil riquezas íntimas, ignoradas pelos homens comuns” (Sartre, CDG, p. 518-519).

Criado num ambiente de mulheres, o narrador de *Les mots (As palavras)* evoca o descontentamento que tal fato despertava em Karl, seu avô: “eram intrusas e meu avô não escondia que eram objeto de um culto menor, exclusivamente feminino” (Sartre, M, p. 37). O enfrentamento de Karl justifica, parcialmente, a identificação que marcaria as relações do escritor com o universo feminino. Todavia, a resistência ao padrasto representaria um fator decisivo nesse posicionamento:

Meu padrasto disse-me uma frase que me marcou como ferro em brasa: “ele é como eu [...] nunca saberá abordar uma mulher”. [...] Não estou bem certo de que essa frase não tenha sido uma das razões de todas essas conversas que, mais tarde, tolamente desperdicei, recitando delicadezas, para provar a mim mesmo que, finalmente, sabia abordar uma mulher (Sartre, CDG, p. 509).

A inserção no ambiente feminino marcaria definitivamente a trajetória de escritos sartrianos. Na apresentação dos *Carnets de la drôle de guerre (Diário de uma guerra estranha)*, Arlette Elkaïm-Sartre, filha adotiva do escritor que, sabe-se, era também na realidade uma de suas amantes, define como determinante nas experiências de guerra do pai a passagem do espaço feminino para o masculino: “lançado num universo de homens de diversos horizontes, ele que, desde o término de seus estudos, vivia rodeado de mulheres, amantes e já admiradoras, descobre que não sabe se comportar no espaço masculino” (Sartre, CDG, p. 11). Essa interpretação é

caucionada pelo relato do soldado Sartre: “parti para a guerra com a idéia de ser um homem entre homens, quando acabo de viver dez anos de minha vida entre mulheres” (Sartre, CDG, p. 177).

Tendo sempre se manifestado em favor das minorias, notadamente pelos negros em *Orphée noir* (*Orfeu Negro*), e pelos judeus em *Réflexions sur la question juive* (*Reflexões sobre o racismo*), Sartre responde a Simone de Beauvoir, que o questiona por nunca ter se pronunciado sobre o tema das mulheres:

Acho que isso vem da minha infância. Na minha infância, sempre estive rodeado de mulheres; minha avó, minha mãe cuidavam muito de mim; e depois vivi rodeado de meninas. De maneira que esse era um pouco meu habitat natural, o das meninas e mulheres, por isso sempre pensei que havia em mim uma espécie de mulher (Sartre, S10, p. 116).

Também em *Les mots*, vemos ser afirmada a dificuldade sartriana em aceitar a diferenciação entre sexos: “eu teria o sexo dos anjos, indeterminado mas feminino nas bordas” (Sartre, M, p. 86).

Em *Autoportrait à soixante-dix ans* (*Auto-retrato aos setenta anos*), indagado por Michel Contat sobre a atitude solitária que estaria implícita na sua declaração “minha paixão é de compreender os homens”, Sartre é conclusivo quanto a essa questão: “solitário. Sim. Mas perceba que vivo rodeado de gente, sempre mulheres. Há muitas mulheres na minha vida, Simone de Beauvoir sendo única, de um certo modo, mas há sempre muitas” (Sartre, S10, p. 163-164).

Para a problemática da *philia*, como figura e como “lugar”, é importante a recuperação da mulher, que se encontra em igualdade de condição com o homem: “o que sempre procurei numa

mulher foi um igual”¹. Com Simone de Beauvoir essa relação de igualdade desenvolver-se-ia no plano concreto: “o que é único entre Simone de Beauvoir e mim é essa relação de igualdade” (Sartre, S10, p. 190).

Todavia, mesmo nesse “reconhecimento” do “igual”, capaz de exercer seu direito de reciprocidade relacional, na dinâmica da “amizade”, não são suprimidas nem a alteridade radical do sujeito, nem as disputas agonísticas ou os enfrentamentos. Em sua correspondência, Sartre define Simone como seu “petit juge”, isto é, “doce juiz”: “Mas, enfim, meu “doce juiz”, eu gostaria de saber sua opinião mais do que qualquer coisa nesse mundo. Censure-me bastante, se eu merecer, eu suplico. Não te peço a absolvição, mas para refletir bem. [...] Para mim será um veredicto” (Sartre, LC2, p. 92).

Nesse sentido, Sartre parece evocar nas suas relações afetivas o exemplo clássico do lutador de boxe, que exterioriza na luta “a totalidade das tensões, das lutas francas ou dissimuladas que caracterizam o regime no qual vivemos e que fizeram de nós violentos, até mesmo no mais íntimo dos nossos desejos, mesmo na mais doce de nossas carícias” (Sartre, CRD2, p. 36).

Ao responder ao questionamento de Michel Contat: “você é tão severo com ela como ela é com você?”, o escritor ratificaria essa perspectiva: “Rigorosamente, severo o máximo. Não faz sentido fazer críticas que não sejam muito severas quando se tem a oportunidade de amar aquele ou aquela que criticamos” (Sartre, S10, p. 191). Essa resistência é recorrente nas relações sartrianas de amizade, não se limitando à esfera feminina:

¹ Cf. a entrevista concedida a Catherine Chaine “Jean-Paul Sartre et les femmes”, *Le Nouvel Observateur*, 31 de janeiro de 1977, p. 76.

M.C: – O que me espanta também desde que o conheço e que quando você fala de seus amigos você é sempre muito duro...

J-PS: – Porque sei como eles são! E também como eu sou! Eu poderia ser igualmente duro comigo mesmo (Sartre, S10, p. 197).

O agonismo ao qual Sartre se reporta concentra-se, embrionariamente, nas experiências vividas com os colegas de escola: “por austeridade protestante de justiceiro, eu tinha adotado um pensamento implacável e duro. [...] Essa severidade combinava com as violências que eu praticava com os meus colegas de escola” (Sartre, CDG, p. 286).

Metáfora do aberto, a “amizade” implica uma abertura para o novo, para a experimentação, para a construção de novas formas de relacionamento e de sociabilidade. Sartre corrobora essa perspectiva ao reconhecer o aspecto “inovador” que pode ser atribuído à amizade: “o que me concedia a amizade era bem mais do que afeto [...] era um mundo federativo no qual acordávamos, meu amigo e eu, todos os nossos valores, todos os nossos pensamentos e gostos. Esse mundo era renovado por uma invenção constante” (Sartre, CDG, p. 510). Também Simone de Beauvoir integra esse universo de amizades: “o Castor era também meu amigo e ainda o é” (Sartre, CDG, p. 510).

Não se apoiando nas tradicionais maneiras de constituição da família – como o matrimônio para a procriação ou o estabelecimento de vínculos civis jurídicos – a relação Sartre-Beauvoir apresenta-se como um modelo alternativo às já consolidadas fórmulas relacionais. A essa novidade social, Sartre denomina “o construído”: “Nossa fé comum no “construído” foi abalada pelo caso Kosakiewicz” (Sartre, CDG, p. 288).

O “construído” define-se sob o modo da união ilegítima, morganática, desenvolvida com Simone por dez anos e renovada por igual período, numa carta enviada ao Castor: “Meu amor, meu doce Castor [...] quando você receber essa carta terão transcorrido exatamente dez anos desde que nos casamos morganaticamente pela primeira vez [...] renovo imediatamente o contrato por mais dez anos” (Sartre, LC1, p. 336).

Esse modo de relação encontra representatividade na problemática da *philia*, porquanto a “amizade” possui um caráter transgressivo e “marginalizante”, ao qual se reporta Ortega: “a amizade representa uma possibilidade de construir a comunidade e a sociedade no nível individual de um tipo de relação livre e não institucionalizada” (Ortega, 1999, p. 171). O celibato representa igualmente um componente importante nas práticas da “amizade”: “a figura que melhor caracteriza nossa época é [...] o solteiro, capacitado a cultivar uma intensificação de sua rede de amizades” (Ortega, 1999, p. 156).

Colocando radicalmente em xeque o equilíbrio agonístico desenvolvido no “construído”, os “motivos poderosos” a que se refere Simone poderiam materializar-se no desejo de maternidade: “uma criança não teria estreitado os laços que me uniam a Sartre, eu não desejava que a existência de Sartre se refletisse e se prolongasse na de um outro: ele se bastava, me bastava, eu me bastava. Não queria absolutamente identificar-me com uma carne saída de mim” (Beauvoir, 1960, p. 91).

A referência ao “caso Kosakiewicz” demonstra de que modo Sartre-Beauvoir levam ao limite sua proposta de inovação relacional. No momento em que redige seu diário de guerra, esse sobrenome refere-se igualmente a um relacionamento passado (Olga) e presente (Wanda) do escritor. Contando com a aquiescência de Simone, com as duas irmãs, sucessivamente, Sartre teria desenvolvido experimentações afetivas e eróticas. Confirmando o caráter de inovação da “amizade”, Simone de Beauvoir refere-se a essa experimentação: “Ao invés de um casal,

seríamos agora um trio. Achávamos que as relações humanas devem ser perpetuamente reinventadas, que *a priori* nenhuma forma é privilegiada ou impossível: esta pareceu impor-se a nós” (Beauvoir, 1960, p. 224).

No primeiro *carnet*, o soldado alude igualmente à sua vida tripla: “minha vida em parte tripla parecia-me anormal e tinha essa estranha impressão “por um ano passa, mas a guerra colocará as coisas em ordem” ” (Sartre, CDG, p. 62). O relacionamento com Olga já tendo terminado, Sartre refere-se aqui a duas outras relações que mantinha simultaneamente com Simone: Wanda Kosakiewicz e Bianca B. – na realidade Louise Védrine, antiga aluna de Simone². Simone de Beauvoir reporta-se à dissolução dos vínculos que a uniam a Sartre e a Olga: “no final das contas, saímos imunes dessa máquina docemente infernal que criamos: foi a amizade que triunfou” (Beauvoir, 1960, p. 296).

No capítulo “Sartre e as mulheres: um amor chamado Castor”, Bernard-Henri Lévy refere-se aos fatores que teriam relegado ao silêncio, por tantos anos, o bissexualismo do Castor:

A sexualidade do Castor, por exemplo ... Zaza... Olga... Nathalie Sorokine, dita Lise... como ela pôde, por tanto tempo, esconder a outra natureza de seus desejos? Como ela conseguiu atravessar todas as redes estendidas da polícia literária para guardar assim seu segredo, para triunfar onde Aragon sucumbiu? Não lhe teria sido necessário beneficiar-se de uma alta cumplicidade – a de Sartre, seu conjurado? (Lévy, 2000, p. 26).

Para Serge Doubrovsky³, como o próprio nome ressalta, o “Castor” é “a mulher no masculino”. Essa leitura justificaria o “vouvoiement” – tratamento formal – sartriano nas cartas

² Na edição de *Lettres au Castor*, Wanda, que também foi aluna de Simone, no Liceu Rouen, é referida sob o nome fictício de Tania e o patronímico sob o qual as irmãs Kosakiewicz têm a identidade protegida é “Zazoulitz”.
³ Cf. DOUBROVSKY, S. “Sartre: retouches à un autoportrait” in BURGELIN, C. (1986) p. 128-129.

que são endereçadas a Simone de Beauvoir, em oposição ao “tutoiement” – tratamento informal – dirigido a outras mulheres, sempre evocadas no feminino⁴. Nesse sentido entendemos que seja revertida a “dupla exclusão do feminino”, pois Sartre não se limita a demonstrar, excessivamente, sua amizade pelas mulheres. O escritor ainda aprova a relação de amizade entre mulheres. Se essa “amizade” não constitui um tema constante na ficção sartriana, tampouco foi ignorada.

Personagem de uma sexualidade hesitante, Ivich deseja as mulheres e as adolescentes: “acho que estou virando pederasta, disse” (Sartre, OR, p. 472), admitindo ainda: “há momentos em que gostaria de ser um cara” (Sartre, OR, p. 457). Antes de ver consumada a derrota de seu delineamento viril, Marcelle é descrita como: “uma moça magra e penteada como menino que ria com um ar duro e tímido. Ela usava um casaco masculino e sapatos rasteiros” (Sartre, OR, p. 396). Personagem de *Huis clos*, Inès é eternizada pela morte como “lesbienne”, etc.

Pela relação com as mulheres, Sartre buscava ainda superar o grande trauma de sua vida: a descoberta da feiúra física: “Desde essa época eu lia – e era talvez isso o que havia de mais profundo no meu desejo de escrever – a arte e o amor, de maneira que me parecia impossível obter a afeição dessas moças por outro meio que não fosse o meu talento de comediante e de contador de histórias” (Sartre, CDG, p. 503). As armas com as quais o aventureiro-escritor lança-se no jogo de sedução são as palavras e a imaginação: “Tendo detestado que gostassem de mim por minha figura ou meu charme físico, era preciso que eu seduzisse pelo charme de minhas invenções, de minhas comédias, de meus discursos, de meus poemas e que me amassem por essas razões” (Sartre, CDG, p. 503-504).

⁴ No seu estudo sobre o que julga ser a “castorização” de Sartre, Alain Buisine observa que por uma única vez, em sua correspondência, o escritor declina o nome do Castor no feminino: “petite Castore”. Cf. BUISINE, A. “Ici Sartre”, *Revue des Sciences Humaines*, n° 195, p. 195. Para essa referência ao Castor, cf. SARTRE, J-P. (LC2) p. 336.

O poder sedutor desse Don Juan das letras “era ainda um maneira de reconhecer os valores espirituais sonhar assim em ser um Don Juan letrado, fazendo as mulheres desmaiarem pelo poder de sua boca de ouro” (Sartre, CDG, p. 505) visa preencher de beleza a aridez de um mundo marcado pela feiúra: “não sei se, durante um tempo, não procurei a companhia das mulheres para aliviar o peso de minha feiúra. Olhando-as, fazendo nascer nos seus rostos um aspecto vivaz e feliz, eu me perdia nelas e me esquecia” (Sartre, CDG, p. 525).

O domínio da palavra e a força do verbo são a pedra de toque que coloca em movimento a engrenagem mágica da sedução: “eu tinha partido bem decidido a conhecer o amor das alemãs, mas compreendi em pouco tempo que não sabia alemão o suficiente para conversar. Assim, desprovido de minha arma, fiquei com cara de estúpido e não ousei tentar nada; tive que me conformar com uma francesa” (Sartre, CDG, p. 528).

A exemplo do que ocorre na construção estética, o escritor deseja extrair das relações com as mulheres o belo, o sublime, visando vencer a tragicidade que lhe foi imposta pelo feio, pelo lúgubre, pelo medonho. Transformar o mito de A Bela e a Fera, de Cyrano de Bergerac: “eu adorava esse conto, a Bela e a Fera”; “Cyrano representava para mim, nessa época, o tipo do amante perfeito”⁵ (Sartre, CDG, p. 504), numa tela perfeita construída à base do seu talento de escritor: “no fundo, o que sempre desejei ardentemente é estar no centro de um belo acontecimento, no qual eu fosse o ator principal [...] como o pintor é o autor de seu quadro” (Sartre, CDG, p. 526).

Nesse sentido, a salvação do “homem” Sartre estaria apoiada na realização estética. Se por um lado o narrador de *Les mots* reconhece que “a cultura não salva nada nem ninguém”, ela é, de qualquer modo, esse “produto do homem”, no qual ele “se projeta, se reconhece. Só esse espelho

⁵ Em *Les mots*, Cyrano seria igualmente referido: “Oito anos antes do meu nascimento, Cyrano de Bergerac tinha estourado como uma fanfarra de calças vermelhas” (Sartre, M, p. 97).

crítico oferece-lhe sua imagem” (Sartre, M, p. 205). Pela perfeita maestria verbal, o “glorificado” herói de *Les mots* seria capaz de operar a metamorfose do seu corpo de “sapo”: “confiaram-lhe [a Karl] sua maravilha e ele devolveu-lhes um sapo” (Sartre, M, p. 87), num belo espécimen. Não por acaso, elaborado no ano seguinte ao da descoberta da feiúra física, seu primeiro romance de aventuras intitula-se “Para uma borboleta” (Sartre, CDG, p. 370).

Mesmo nesse sensual jogo de beleza e sedução, o conflito, as disputas e a dissensão não são negligenciados. O que importa, de fato, é o jogo: “o que me atraía sobretudo era a aventura da sedução. Uma vez a mulher seduzida, eu a abandonava a sua sorte e já vislumbrava para o herói novas ações de sedução” (Sartre, CDG, p. 505).

Destarte, o modo como Sartre revitaliza o “lugar do feminino”, seja na explicitação da igualdade que vige nas suas relações com o Castor, seja na adoção de novas fórmulas relacionais – o “celibato”, o “construído”, o “trio” – revela-nos os fortes laços de “amizade” que aí se encontram implicados. Manifestando-se em suas recordações de guerra, recortando, por vezes, o tecido ficcional e explicitando-se ainda na série de entrevistas sartrianas sobre a matéria, esse resgate recupera a memória de Sartre sobre a importância do “papel” da mulher no seu percurso de escritor. Nessa perspectiva, pela problemática da *philia*, podem ser justificadas algumas constantes na obra desse autor, como o enriquecimento de sua ficção pela transfiguração de personagens femininas que atravessam sua vida e a assunção da qualidade de esteta por um artista das letras.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *La force de l'âge*. Paris: Gallimard, 1960.

_____. *Mémoires d'une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard, 1958.

BURGELIN, Claude. *Lectures de Sartre*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1986.

CONTAT, Michet et alii. *Pourquoi et comment Sartre a écrit "Les mots"*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994.

FOLLON, Jacques et MC EVOY, James. *Sagesses de l'amitié*. Paris: Cerf, 1997.

KAPUR BADHWAR, Neera. (org.) *Friendship. A philosophical Reader*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993.

MOULINIER, Didier. *Dictionnaire de l'amitié*. Paris: L'Harmattan, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humain trop humain 1* in *Œuvres Philosophiques complètes*. Paris: Gallimard, 1988a.

_____. *Par-delà bien et mal* in *Œuvres Philosophiques complètes*. Paris: Gallimard, 1971.

ORTEGA, Francisco. "A amizade segundo Michel Foucault" in *Trama*, Revista dos Pós-graduandos em Filosofia pela UERJ, nº 8, inverno 1997, p. 200-223.

_____. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

_____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

SARTRE, Jean-Paul. *Les carnets de la drôle de guerre*. Paris: Gallimard, 1995. [Reedição do livro publicado em 1983, com o acréscimo do 1º diário, escrito entre setembro e outubro de 1939].

_____. *Critique de la raison dialectique – Tome I: théorie des ensembles pratiques*. Paris: Gallimard, 1960.

_____. *Critique de la raison dialectique – Tome II: intelligibilité de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1985.

_____. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1964.

_____. *Lettres au Castor et à quelques autres*. Paris: Gallimard, 1983. (Dois volumes, abarcando a correspondência de 1926 a 1963).

_____. *Œuvres romanesques*. Édition établie par Michel Contat et Michel Rybalka. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1982.

_____ *Situations X – politique et autobiographie* . Paris: Gallimard, 1976.